

Enquanto o mundo está em turbulência, o Movimento pela Saúde dos Povos clama por esperança, otimismo, resistência, solidariedade e paz

Não há tempo para desespero

O Conselho Diretor do Movimento pela Saúde dos Povos (MSP) se reuniu de 26 a 28 de fevereiro de 2025, em tempos turbulentos, e seria fácil sucumbir ao desespero.

Décadas de capitalismo neoliberal e o atual clima político global levaram a crises inter-relacionadas: desigualdades desenfreadas (em poder, riqueza e recursos), colapso ambiental (crise climática, perda de biodiversidade, extinção de espécies e degradação ambiental); guerras, ocupação e conflitos e deslocamento forçado (com um número cada vez maior de pessoas no Sul Global buscando refúgio dessas crises, e as empreiteiras de defesa acumulam riqueza ao criar a morte) e aumento do conservadorismo e uma reação contra os direitos das mulheres conquistados com dificuldade. Isso se caracteriza ainda mais pela comercialização e privatização dos sistemas de saúde, o que contribuiu para impedir a realização da meta de Saúde para Todos do MSP.

Portanto, devemos fortalecer nossos esforços na luta por um mundo mais equitativo, ecologicamente sustentável, descolonial e pacífico, no qual uma vida saudável para todos seja uma realidade. Um mundo que respeite a diversidade e celebre toda a vida em harmonia com a natureza; um mundo que permita e reconheça as capacidades de enriquecimento mútuo; um mundo em que as vozes das pessoas e as abordagens centradas na comunidade orientem as decisões que moldam nossas vidas. Isso pode ser alcançado por meio da ação coletiva, da defesa da justiça social e da justiça climática e do desafio aos sistemas opressivos que perpetuam a desigualdade. Ao nos unirmos como uma comunidade global, podemos trabalhar para criar um futuro melhor para todos os seres deste planeta. Ao priorizar o “*Buen Vivir*” (bem-estar) das comunidades marginalizadas/vulneráveis e abordar as causas fundamentais das injustiças sistêmicas, podemos preparar o caminho para um mundo mais equitativo e inclusivo, onde cada indivíduo tenha a oportunidade de prosperar e contribuir para um futuro mais brilhante e transformador para as próximas gerações.

Novos desafios baseados no antigo padrão imperial de comportamento

Esses desafios estão se desenvolvendo em meio a um realinhamento geopolítico. O multilateralismo, que caracterizou grande parte da segunda metade do século XX, coexistiu com - e às vezes foi instrumentalizado por - um mundo unipolar dominado pelos Estados Unidos. No entanto, desde a crise financeira do início do século XXI, os EUA têm lutado para manter seu domínio unilateral e enfrentam um mundo multipolar no qual a influência global da China desafia a sua. O grupo BRICS+ de países em desenvolvimento, coletivamente, compreende quase 35% do produto econômico global e se esforça para reformar as instituições multilaterais e consolidar um mundo multipolar. Embora os EUA continuem a contar com a força do dólar como moeda de reserva global para sustentar seu poder econômico, o “século americano” acabou, e o país depende cada vez mais de sua força militar incomparável para afirmar sua influência.



A policrise que estamos vivendo inclui a iminência de uma segunda Guerra Fria e até mesmo a ameaça de uma guerra mundial, com foco no Leste Asiático. É por esse motivo que os Estados Unidos estão reorganizando o posicionamento de suas forças militares, pedindo à Europa, que demonstrou uma disposição significativa, que aumente seus gastos militares (com foco na Rússia) e forçando outros países a fazer o mesmo. O impacto desse aumento nos gastos militares centralizará ainda mais a riqueza nos países que abrigam as principais empreiteiras de defesa e, com o impacto na dívida pública, provavelmente haverá um corte no orçamento público e a redução dos benefícios restantes do estado de bem-estar social, incluindo a saúde. O meio ambiente também sofrerá com o abandono dos compromissos com programas ambientais e com a mitigação das mudanças climáticas e com a promoção de práticas destrutivas, porém lucrativas.

As crescentes tensões geopolíticas alimentaram a polarização política, enquanto a degradação social e a insegurança econômica permitiram que líderes autoritários de extrema direita chegassem ao poder em vários países. A misoginia, o racismo, a supremacia branca, a “alteridade” dos migrantes e as políticas paternalistas foram encorajadas globalmente, permitindo que os partidos de direita florescessem.

Ascensão do capitalismo oligárquico

Embora há décadas outras forças políticas dominantes nos Estados Unidos e na Europa estejam corroendo os direitos humanos e alimentando guerras, a segunda presidência de Trump nos Estados Unidos culminou a mudança política para a direita recalcitrante, sinalizando o desmantelamento das políticas de diversidade, equidade e inclusão (DEI), o colapso do estado de bem-estar social, a eliminação da ajuda externa e a ameaça de cortes radicais nos programas de bem-estar social. Internacionalmente, isso marca o fim do multilateralismo, substituído pelo protecionismo econômico, pelo isolacionismo político e pelo expansionismo imperialista americano à moda antiga. Mais do que nunca, a presidência de Trump revela que essas políticas são orquestradas por e para os ultra-ricos, pois uma pequena oligarquia de bilionários, alguns deles ligados a redes tecnológicas globais, agora exerce controle direto sobre o Estado americano. A eleição de Trump por quase 50% dos eleitores dos EUA reflete a desconfiança significativa dos eleitores americanos nas instituições políticas tradicionais e, mais importante, a tendência à agressão popular ou à retórica de confronto.

Desafios para as iniciativas de saúde global

O segundo governo de Trump (representando uma tendência nos EUA) continua a remodelar a saúde global, impactando instituições, financiamento e populações em circunstâncias vulneráveis. A capacidade da Organização Mundial da Saúde (OMS) de coordenar respostas a pandemias, vigilância de doenças e iniciativas de igualdade na saúde já foi prejudicada há anos. A recente retirada dos EUA da OMS incentiva ainda mais a fragmentação (por exemplo, favorecendo parcerias bilaterais em detrimento do multilateralismo), aumenta a pressão para aceitar a filantropia vinculada e a influência das partes interessadas, e encoraja outras nações a contornar as normas internacionais, corroendo a confiança na ação coletiva durante assuntos e crises atuais. A redução das contribuições para iniciativas de saúde global cria lacunas de financiamento que afetam

desproporcionalmente os países de baixa renda. No entanto, a retirada dos EUA da OMS pode oferecer uma oportunidade para que os países do Sul Global assumam uma responsabilidade maior de apoiar e defender o multilateralismo e oferecer uma chance de uma governança mais democrática da OMS sem a hegemonia dos EUA.

As crises de saúde em zonas de conflito como a Palestina, o Sudão e a República Democrática do Congo (RDC) estão se agravando. O apoio inabalável dos EUA ao colonialismo dos colonos na Ásia Ocidental marginaliza ainda mais as necessidades de saúde dos palestinos em Gaza, onde os hospitais enfrentam bombardeios e grave escassez, e a ameaça dos EUA e da Europa de limpeza étnica de Gaza representa uma ameaça existencial ao povo palestino. No Sudão e na RDC, os cortes na ajuda humanitária ameaçam colapsar os sistemas de saúde, exacerbando a desnutrição e as doenças infecciosas. As sanções e a falta de engajamento diplomático podem prolongar a violência, deixando milhões de pessoas sem acesso a cuidados médicos.

Ataque aos imigrantes

Os deslocamentos em massa e as deportações sob políticas de imigração mais rígidas sobrecarregarão a infraestrutura de saúde nos países de trânsito e nos países anfitriões. Os programas de deportação ampliados correm o risco de superlotar os campos de refugiados, aumentando os surtos de doenças e as crises de saúde mental. Além disso, as crises econômicas e a violência na América Latina e no Oriente Médio exacerbam as causas básicas do deslocamento, como a pobreza e a violência, perpetuando ciclos de instabilidade.

Ataque à saúde e aos direitos sexuais e reprodutivos e a grupos populacionais marginalizados

A intensificação dos ataques à saúde e aos direitos sexuais e reprodutivos (SRHR) tem consequências devastadoras em todo o mundo. O restabelecimento da Global Gag Rule (Regra da Mordaca Global), que proíbe a assistência estrangeira dos EUA a organizações que forneçam, apoiem ou até mesmo discutam serviços de aborto, limita severamente o acesso a cuidados essenciais de saúde. Essa política interrompe os serviços de saúde reprodutiva, inclusive contracepção, assistência materna e assistência ao aborto, levando ao aumento da mortalidade materna, a taxas mais altas de gravidez não planejada e a um aumento de abortos inseguros - afetando desproporcionalmente as comunidades do Sul Global e aquelas com sistemas de saúde frágeis.

Esses ataques à SRHR coincidem com cortes drásticos na ajuda externa dos EUA e de outras nações doadoras, agravando as crises humanitárias com consequências catastróficas de longo prazo. As feministas e os ativistas da saúde há muito tempo alertam sobre os perigos dessa agenda reacionária. Essas políticas não se referem apenas à saúde; elas fazem parte de um esforço mais amplo para controlar mulheres, indivíduos LGBTQI+ e outras populações marginalizadas. Além disso, as recentes tentativas de não reconhecer mais do que dois gêneros e de retirar o apoio às políticas LGBTQI+ terão profundas repercussões nas comunidades trans e não binárias.



A condicionalidade da ajuda reflete um sistema de controle mais amplo, reforçando a subjugação econômica e política sob o pretexto de apoio humanitário. Ela destaca o neoimperialismo do próprio sistema de ajuda, no qual o Sul Global permanece à mercê das decisões de financiamento tomadas no Norte Global.

A necessidade de otimismo, esperança, resistência, solidariedade e paz

Diante desses acontecimentos, seria fácil perder a esperança, mas o caos também traz oportunidades. As linhas de batalha agora estão mais claramente traçadas, facilitando a identificação de aliados e adversários. Por exemplo, mesmo que a retirada dos EUA possa levar ao colapso da OMS, ela ainda pode sobreviver e se esforçar, mas, o mais importante, a remoção do jugo dos EUA e das pressões corporativas pode ser uma oportunidade para que as forças progressistas fortaleçam o multilateralismo e levem a governança global da OMS a posições mais democráticas, participativas e inclusivas.

Apesar da morte de mais de 50.000 pessoas durante a guerra genocida na Palestina, o domínio dos Estados Unidos - juntamente com um pequeno grupo de aliados - tem sido cada vez mais desgastado no cenário mundial, como ilustrado, por exemplo, pelo padrão de votação na Assembleia Geral das Nações Unidas, como observou a Relatora Especial da ONU, Francesca Albanese, referindo-se ao crescente isolamento dos Estados Unidos e de seus parceiros nos resultados da votação.

Da mesma forma, em nível local, as organizações populares, os sindicatos e as comunidades estão resistindo e construindo alternativas baseadas na solidariedade e na justiça social.

Essa é a nossa fonte de esperança, pois nos comprometemos, durante a 5ª Assembleia da Saúde do Povo (ASP), no ano passado, em Mar del Plata, a “trabalhar pela criação de uma ampla frente de movimentos sociais para a construção de uma nova ordem econômica, política e social” e a “buscar acordos com partidos políticos e Estados que a promovam”.

Nossos companheiros na Palestina podem liderar o caminho. Eles têm suportado uma guerra genocida por quase um ano e meio, mas não recuam. A resistência se tornou um modo de vida. Eles não se dão ao luxo do pessimismo. O PHM conseguiu arrecadar 90 mil euros em cerca de quatro meses em solidariedade ao hospital de campanha Al Awda em Gaza, e o Viva Salud colocou em prática uma estratégia bem-sucedida de primeiros socorros psicológicos para o grupo de jovens Awda em Deir Al-Balah. Na região MENA, o PHM não aborda apenas o componente de serviços de saúde, mas também outras condições de saúde de refugiados e migrantes, todas enfrentadas por países em constante crise.

Nas lutas contra as políticas de saúde pública neoliberais e biomédicas, ações importantes estão sendo implementadas e ampliadas. Os ativistas da saúde têm lutado para aumentar os orçamentos públicos, fortalecer os produtos farmacêuticos públicos, proteger o emprego e as condições de trabalho dos profissionais da saúde e proteger, respeitar e reconhecer o conhecimento, as práticas e os medicamentos tradicionais dos povos indígenas em todo o mundo. Na Índia, por exemplo, a JSA



desenvolveu importantes mobilizações de base, advocacia, ações legais e eleitorais, acompanhadas de pesquisas de saúde, análises orçamentárias e intervenções de políticas públicas. Os profissionais de saúde argentinos saíram em massa às ruas para enfrentar o desmonte e a privatização dos serviços de saúde e o autoritarismo e a misoginia do governo de Javier Milei.

Nossa luta pela saúde continua a se expandir em temas como justiça de gênero, onde temos expandido e colaborado com outros grupos de mulheres e defensores dos direitos humanos para destacar a violência contínua contra mulheres e crianças, a falta de acesso a serviços de SSR e as crises humanitárias na Palestina, Sudão, Líbano, Iêmen, etc. Os membros do PHM na América Latina e na Europa estão enfrentando os desafios dos partidos políticos de extrema direita em relação ao aborto e a outros direitos de gênero. As trabalhadoras da área de saúde estão se organizando em muitos países, como Filipinas, Bangladesh e Índia, em prol de seus direitos básicos.

Temos fortalecido nossa aliança com a Via Campesina e mais de 50 movimentos de mais de 80 países por meio do processo de organização do 3º Fórum Global Nyéléni sobre soberania alimentar. O PHM também desenvolveu várias atividades em torno da Conferência das Partes das Nações Unidas sobre Biodiversidade de 2024 (COP16). Para isso, colaborou com o Fórum Social Mundial de Economias Transformadoras, ENLAZADOS (a aliança regional do MAELA, o Movimento Agroecológico Latino-Americano) e o Movimento de Economias Sociais e Solidárias. Esses são apenas alguns exemplos do que o PHM tem feito e continuará a fazer em uma escala muito maior.

É exatamente por isso que Amit Sengupta, um de nossos companheiros e pioneiros que nos deixou cedo demais, nos incentivou a “*Considerar o otimismo como um ato intencional de resistência política*”.

Neste marco, vamos honrar as lutas passadas e presentes recusando o desespero. Outro mundo não é apenas possível - ele está sendo forjado, tijolo por tijolo, nas clínicas de Gaza, nos protestos do Sul Global e na determinação inabalável daqueles que ousam imaginar que outro mundo mais justo, sustentável, pacífico e saudável é possível.

Portanto, decidimos redobrar nossos esforços para responder ao nosso Chamado à Ação de Mar del Plata (<https://phmovement.org/pha5-mar-del-plata-2024-call-to-action>), que visa mobilizar os ativistas do MSP e outros movimentos sociais.

De forma mais concreta, incentivamos os movimentos sociais e as pessoas em todo o mundo a priorizarem os seguintes pontos de ação estratégicos:

- Denunciar o bullying dos EUA; explicar as estruturas do imperialismo dos EUA; isolar Trump e seus apoiadores do MAGA.
- Redobrar as demandas por transferências de tecnologia em relação à mitigação e adaptação ao aquecimento global e fazer campanha por apoio financeiro para países de baixa e média renda.



- Promover a participação na COP dos Povos Indígenas da Amazônia, que ocorrerá em novembro de 2025 em Belém do Pará (Brasil), e forjar uma aliança com os povos indígenas para proteger e cuidar do meio ambiente e da saúde das pessoas e da mãe terra.
- Lutar contra a privatização do conhecimento por meio de direitos de propriedade intelectual (PI) e impulsionar a campanha pela transferência de tecnologia e pela produção distribuída de produtos médicos pelo setor público.
- Engajar os esforços da coordenação regional do MSP e dos círculos nacionais para promover a Campanha Farmacêutica Pública, especialmente na Europa, América Latina e Caribe, Sul da Ásia, Sul e Leste da África e Índia.
- Redobrar as alocações fiscais para a assistência à saúde no Sul Global, vinculadas à retirada da “assistência ao desenvolvimento” dos EUA; concentrar-se nos sistemas de assistência à saúde do setor público orientados para a APS; estabelecer barreiras de proteção em relação ao seguro de saúde privado e à assistência à saúde fornecida pelo setor privado.
- Consolidar e aprofundar o “Diálogo Sul-Sul sobre Sustentabilidade: Medicina Tradicional no Sul Global” para a proteção dos sistemas de conhecimento indígena, sua assistência médica autônoma e intercultural e a pesquisa, produção e distribuição de medicamentos tradicionais em mãos públicas e comunitárias.
- Desafiar as estruturas de poder e resistir aos discursos e às políticas contra o gênero para alcançar um mundo justo e equitativo em termos de gênero, a fim de realizar mudanças transformadoras.
- Denunciar o conservadorismo político e religioso, a misoginia e o autoritarismo.
- Apoiar os direitos à saúde sexual e reprodutiva, inclusive o acesso ao aborto.
- Apoiar a participação, a mobilização e a formação de alianças de movimentos sociais em torno do 3º Fórum Global Nyéléni sobre soberania alimentar, a ser realizado em setembro de 2025 no Sri Lanka.
- Promover ideias e políticas sobre desenvolvimento econômico que contrariem as normas padrão do desenvolvimento capitalista (e degradação ambiental, desigualdade econômica, alienação cultural).
- Defender a paz liderada pela justiça, resistindo à corrida armamentista, e defender o redirecionamento de fundos dos gastos militares e do pagamento da dívida pública para a expansão e o fortalecimento da proteção social.
- Promover, na Europa, uma ampla aliança com os sindicatos de trabalhadores e um processo de mobilização contra a guerra e o corte nos orçamentos públicos para assistência médica, proteção social e outras condições de saúde.
- Continuar e fortalecer a Campanha Stop the Wars com foco na Palestina, no Líbano, no Iêmen, no Sudão e na República Democrática do Congo (RDC), reconhecendo e apoiando todas as formas de resistência contra a ocupação e a violência armada. Também apoiamos uma solução politicamente negociada para a guerra na Ucrânia.

Ao promovermos a convergência com outros movimentos sociais e redes de saúde, incentivamos todos os ativistas, círculos nacionais e regionais, programas globais, membros do Conselho Diretor



e do Conselho Consultivo, bem como todas as redes afiliadas ao MSP, a se engajarem e levarem adiante as conversas a seguir:

- Construir solidariedade global com movimentos sociais e de saúde alinhados, movimentos feministas para resistir ao fascismo, classismo, racismo, casteísmo, sexismo, patriarcado, homofobia e transfobia e outras formas de opressão.
- Vamos nos unir contra todas as formas de discriminação e trabalhar em prol de um mundo mais inclusivo, justo e igualitário para todos. Juntos, podemos desafiar os sistemas de poder e defender os direitos e a dignidade de todos os indivíduos.
- Pressionar por políticas mais equitativas e saudáveis, convergindo com outros movimentos sociais e políticos progressistas e trabalhando com governos alinhados; defender a OMS e transformá-la para que funcione melhor.
- Promover ações contra o aquecimento global, incluindo o apoio significativo à adaptação no Sul global; construir apoio ao ecossocialismo.
- Priorizar *o buen vivir* (viver bem) em detrimento do materialismo, do consumismo e do individualismo, restabelecendo a ligação com a Mãe Terra.
- Promover políticas econômicas anti-imperialistas, incluindo: uma nova Nova Ordem Econômica Internacional, desdolarização, reforma tributária, regulamentação das Corporações Transnacionais e uma nova abordagem da dívida internacional para restaurar a soberania econômica nacional;
- Defender a democracia real, incluindo o controle democrático sobre os principais controles econômicos.
- Contribuir para a construção de um mundo multipolar, incluindo a cooperação regional e o multilateralismo equitativo.